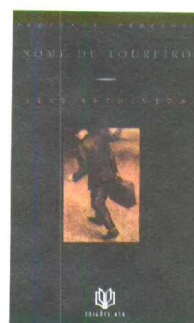
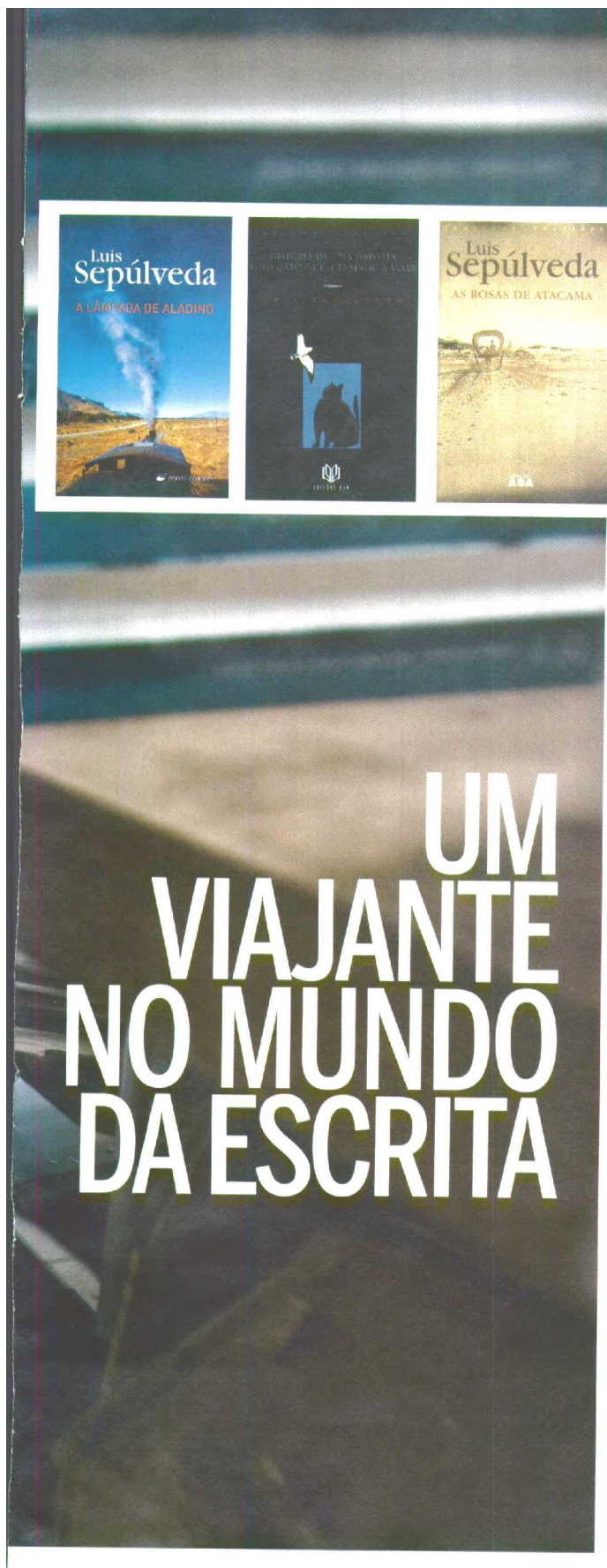


SOL tabu 06-12-2008	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1468 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	0	Página (s):	54 a 57



Luis Sepúlveda fotografado na Livraria Bertrand, em Lisboa. E capas de livros seus editados em Portugal

O chileno Luis Sepúlveda, autor de **A Lâmpada de Aladino**, viajante pela América Latina. Escritor nômade radicado em Espanha, acredita nas mudanças de

Texto de **Ricardo Nabais** Fotografias de **Gonçalo I**

É UMA espécie de volta ao mundo sem que o viajante saia do sofá. À medida do acaso, podemos estar na Alexandria pós-colonial, no Carnaval do Rio de Janeiro, num hotel perdido na fronteira artificial entre a Colômbia, o Peru e o Brasil, em plena região amazônica. E de um salto vamos até Hamburgo. O viajante real chama-se Luis Sepúlveda e, a esta altura do campeonato, já só é vagamente chileno, de tanto correr mundo a dissolver a nacionalidade original.

O trajecto é o que está definido no seu mais recente livro, **A Lâmpada de Aladino** (Porto Editora), que traz mais do mesmo Sepúlveda. Se bem que nunca é monótono visitar os locais que o escritor visitou e deixar

ir a im-
gredie
lançan
entra 1
todas a
observ
plica o
Sepúl-
tura n
Morte.
amigo
e entro
naval b
testar: c
le e que
escolas
giadas
vir-se c
recorda
do de u
rua. Po
via outi
disse-n

SOL tabu 06-12-2008	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1468 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	0	Página (s):	54 a 57

O chileno Luis Sepúlveda lançou **A Lâmpada de Aladino**, uma viagem pela América Latina. Escritor de intervenção é nómada radicado em Espanha, não acredita nas mudanças de Obama

Texto de **Ricardo Nabais** Fotografias de **Gonçalo Fernandes Santos**

É UMA espécie de volta ao mundo sem que o viajante saia do sofá. À medida do acaso, podemos estar na Alexandria pós-colonial, no Carnaval do Rio de Janeiro, num hotel perdido na fronteira artificial entre a Colômbia, o Peru e o Brasil, em plena região amazónica. E de um salto vamos até Hamburgo. O viajante real chama-se Luis Sepúlveda e,

a esta altura do campeonato, já só é vagamente chileno, de tanto correr mundo a dissolver a nacionalidade original.

O trajecto é o que está definido no seu mais recente livro, **A Lâmpada de Aladino** (Porto Editora), que traz mais do mesmo Sepúlveda. Se bem que nunca é monótono visitar os locais que o escritor visitou e deixar ir a imaginação ao sabor dos ingredientes ficcionais que vai

lançando à realidade: «**A ficção entra na realidade, mas quase todas as histórias nasceram da observação de factos reais**», explica o escritor.

Sepúlveda desvenda essa mistura num dos contos, **Maria Morte**. Estava de visita a um amigo que vive em Copacabana e entrou como intruso no Carnaval brasileiro, que afirma detestar: «**Sáimos para ver o desfile e quando ia a passar uma das**

escolas de samba mais prestigiadas da cidade começou a ouvir-se o som das ambulâncias», recorda. «**Alguém tinha morrido de um enfarte, no meio da rua. Poucos minutos depois havia outro morto. E o meu amigo disse-me: 'A morte também →**



SOL tabu 06-12-2008	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1468 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	0	Página (s):	54 a 57

está a participar no Carnaval. Uma destas formosas mulatas é a morte». E assim nasceu a misteriosa figura de mulata que ceifa subtilmente as vidas no conto...

O livro é também mais uma viagem pela América Latina, que Sepúlveda diz conhecer da fronteira Sul do Rio Bravo (en-

tre os EUA e o México) à Antártida. A vida nómada confundiu-se quase sempre com uma aguda consciência política. Curiosa é a falta da América do Norte no seu imaginário. São muitos os anticorpos que o escritor guarda dos vizinhos do Norte, e nem a 'mudança' alardeada com a eleição recente de Barack Obama lhe muda a vi-

são do país. Passou imune à obamamania: «A única coisa que isso veio demonstrar é que os americanos são menos racistas. Nada mais». E nem a crise financeira vai forçar à mudança? «A mudança fundamental de que o mundo precisa hoje é outorgar ética e moral à economia. E nenhum presidente dos

EUA fará isso, pois seria o fim do capitalismo».

O escritor passou pelo país há décadas, levado pelo fascínio de uma viagem pelo país continental de costa a costa. Não correu bem. «Viajava com um amigo norte-americano, que era director da revista *Christian Science Monitor*. Íamos pela famosa

PERTENCEU À GUARDA PESSOAL DE SALVADOR ALLENDE, O SOCIALISTA QUE PRESIDIU À COLIGAÇÃO DE ESQUERDA QUE GOVERNOU O CHILE DE 1970 ATÉ AO GOLPE DE PINOCHET, EM 1973

Highway 66 e decidimos sair para conhecer Wichita, a mítica cidade dos cowboys e dos westerns». A certa altura do trajecto, a América profunda assaltou-os. O xerife do lugar, qual personagem de ficção, interpeleu-os. «Entrou, pôs a mão no coldre, perguntou-nos quem éramos e o que fazíamos ali. Dissemos-lhe que estávamos de passagem para visitar Wichita. Até custou convencê-lo de que o carro não era roubado. Final-

mente, deu-nos duas horas para abandonarmos o seu povoado».

Passado político

A conversa resvala, inevitavelmente, para a política. O passado do escritor tem a intensidade dos momentos históricos. Fez parte da guarda pessoal do presidente Salvador Allende, um socialista que liderou uma coligação de esquerda, eleita para governar o Chile em 1970. O governo, sabotado economi-

camente pelos EUA, durou até 11 de Setembro de 1973, quando caiu após um violento golpe de Estado chefiado pelo que viria a tornar-se o ditador do Chile, o general Augusto Pinochet.

Hoje, diz que se preocupa em preservar a memória de Allende, «um dos políticos mais inteligentes do continente americano», que tentou impor um socialismo 'à europeia', mais próximos dos sociais-democratas europeus, como o sueco

Olof Palme ou o alemão Willy Brandt.

A experiência do golpe de Pinochet deixou-lhe marcas. Correu a América do Sul, sempre a fugir aos militares, com a ajuda da secção alemã da Amnistia Internacional.

Mas o rumo do mundo, findas as ditaduras latino-americanas, não lhe deixa grande margem para esperança. Não acredita na Europa, minada por presidências «ultraconser-

SEM PERDER PRINCÍPIOS, DESLOCOU AS CONVICÇÕES ESQUERDISTAS PARA A NATUREZA, PASSOU TEMPORADAS ENTRE OS ÍNDIOS SHUAR, NO EQUADOR

vadoras». «Agora a onda de esperança vem da América Latina», afirma, mas sem grande convicção. Desconfia de Chavez, presidente da Venezuela, por não crer em «Messias». E vê uma grande hipocrisia no mundo: «Quando Evo Morales, o presidente da Bolívia, decide nacionalizar um banco é um escândalo mundial. Mas quando o primeiro-ministro britânico Gordon Brown nacionaliza todos os bancos, é o salvador da economia».

Nos últimos anos, 'desviou-

-se' para o campo da ecologia. Esse caminho começou ainda em finais dos anos 80, depois de Sepúlveda ter passado ainda por um grupo guerrilheiro internacional que deu auxílio à revolução Sandinista de Daniel Ortega na Nicarágua (1974-1978) e de se ter desencantado com este movimento.


Sem perder princípios, deslocou as convicções esquerdistas para a Natureza. Passou temporadas entre os índios Shuar, no Equador. Em 1989 a obra *O Velho que Lia Romances de Amor* foi dedicada ao activista

ecológico brasileiro Chico Mendes, assassinado no Acre no ano anterior, e lançou o nome do autor, tornando-o uma espécie de herói romântico literário. Outros títulos reflectem mais a sua preferência pelo conto, como *As Rosas de Atacama*, *Contos Apátridas* ou *Histórias do Mar*. Recentemente, uma novela consolidou o sucesso de Sepúlveda, *História de uma Gaivota e de um Gato que a Ensinou a Voar*.

Esteve, entretanto, muitos anos em Hamburgo, um lugar

de forte contraste com as paisagens que antes visitou. Desde logo, pela percepção que tinham dele. A cada simples problema no prédio onde vivia, dizia-se que 'a culpa era do turco', sendo ele o presumível originário da Turquia. «Passei também muito por isso na rua. Não me queixo de Hamburgo, mas lá era apenas 'mais um'». O seu 'lugar', como lhe chama ao fim de tantos anos de nomadismo, é Gijón, nas Astúrias, onde já soma alguns anos de residente. O encanto vem por

SOL tabu 06-12-2008	Periodicidade:	Semanal	Temática:	Sociedade
	Classe:	Informação Geral	Dimensão:	1468 cm²
	Âmbito:	Nacional	Imagem:	S/Cor
	Tiragem:	0	Página (s):	54 a 57

causa da política – «**a cidade telectualmente paralisado**».
tem um governo de esquerda Mas não pode jurar que cal-
desde que morreu Franco – çou os chinelos ou que se tenha
mas também pela dinâmica, sentado no sofá burguês, à la-
cultural e sempre solidária. O reira. Nunca se sabe quando
regresso ao Chile está, ao que será a próxima partida. 
parece, para as calendas. «**É** **ricardo.nabais@sol.pt**
um país silencioso, social e in-